



## MESTRE SINHOZINHO: A REPRESENTAÇÃO CULTURAL DE UM CURANDEIRO DO POVO NA HISTÓRIA MATO-GROSSENSE (1940-1944)

Layanna Sthefanny Freitas do Carmo<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo busca compreender a representação de Sinhozinho como mestre do povo, no município de Bonito-MS. O recorte delimitado é entre 1940 - 1944, período este coincidindo com o governo de Getúlio Vargas (1937-1945). Nesta pesquisa, serão utilizados os métodos da história oral, imagens registradas em campo e entrevistas públicas na compreensão de que essas fontes publicadas e coletadas nas etapas de observação e execução da pesquisa contribuem para a produção do conhecimento histórico. Neste sentido, o personagem em estudo é representado como uma figura não definida para os moradores da época, sendo que esses relatam a sua chegada no distrito de Bonito na década de 1940. Ao longo de outros períodos, este mesmo ator havia sido identificado como um fenômeno da cultura popular local sobre uma representação histórica, cultural e religiosa. Sua existência ainda é misteriosa e parte de vários acontecimentos construídos na atuação de um mestre curandeiro do povo, sendo perseguido pelos donos do poder no que tange a diversas tentativas de esquecimento da sua passagem pelos silêncios impostos na sociedade. Contudo, teria desaparecido em um momento inesperado, para os entrevistados, em 1944, ao sofrer perseguições pelas autoridades. Com as carências de provas documentais que possam comprovar as torturas e atos violentos pelos mandantes da época, os narradores transformaram a sua história pouco discutida em um legado significativo. Os resultados desta pesquisa trouxeram uma afirmativa determinante na qual o personagem conserva uma forte devoção popular na crença da população local, e mesmo com o seu sumiço misterioso sob suspeitas da sua morte pelas forças locais do período do Estado Novo, se manifesta entre as religiosidades do povo fortalecidas com a sua ausência.

**Palavras-chave:** Representação cultural; Religiosidade popular; Mestre Sinhozinho; História; Curandeiro do povo.

**Abstract:** This article seeks to understand the representation of Sinhozinho as master of the people, in the municipality of Bonito-MS. The delimited cut is between (1940 - 1944), this period, coinciding with the government of Getúlio Vargas (1937-1945). In this research, we will use the methods of oral history, images recorded in the field and public interviews in the understanding that these sources published and collected in the stages of observation and execution of the research contribute to the production of historical knowledge. In this sense, the character under study is represented as an undefined figure for the residents of the time, and these report their arrival by people in the district of Bonito in the 1940s. Over other past periods, this same actor had been identified as a phenomenon of local popular culture over a historical, cultural and religious representation. Its existence is still mysterious and part of several events built in the performance of a master healer of the people, being persecuted by the owners of power with regard to various attempts to forget his passage through the silences

<sup>1</sup> Doutoranda em História Comparada pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil. Email: [layannaestefanny@gmail.com](mailto:layannaestefanny@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4964-8759>.

imposed in society. As long as it would have disappeared at an unexpected time for the interviewees in 1944, while suffering persecution by the authorities. With the lack of documentary evidence that could prove the tortures and violent acts by the commandants of the time, the narrators transformed their little-discussed history into a significant legacy, so it was not emphasized in the problem of the object represented. The results obtained in the master's degree between (2017/2018) brought a decisive statement in which the character retains a strong popular devotion in the belief of the local population, and even with his mysterious disappearance under suspicion of his death by the local forces of the Estado Novo period, it manifests itself among the religiosities of the people strengthened by their absence.

**Keywords:** Cultural representation; Popular religiosity; Master Sinhozinho; History; Healer of the people.

## Introdução

Com os resultados da dissertação de mestrado concluída, surgiu uma nova necessidade propondo analisar a figura do Sinhozinho de um modo mais específico, ou seja, através da representação cultural do mestre como curandeiro do povo bonitense. Para isso, evidenciaremos pelos relatos coletados no campo de pesquisa pela história oral entre 2017 e 2018 na fase de coleta dos dados empíricos, a maneira como os entrevistados preservam a manutenção de referências pouco trabalhadas, como mestre da religiosidade popular em torno da sua existência nas crenças, nos relatos e na permanência da manifestação religiosa representada na cultura popular.

Apesar do tempo limitado durante as gravações dos depoimentos, conseguimos figurar a representação cultural de Sinhozinho pelo olhar dos depoentes ao relatarmos as suas curas e milagres mantendo como legado atual, a recorrência das celebrações e crenças religiosas instituídas em sua capela religiosa. Curandeiro do povo e mestre são atribuições à outras crenças, sobretudo de um sujeito que seguiu, ensinou, fez o bem e continua vivendo na fé, nas lembranças, na linguagem e na representação cultural da religiosidade popular.

Ao predominar o anonimato nas terras sem leis da historiografia sul no Mato Grosso, as fontes orais é uma metodologia aplicada nas narrativas de vida dos idosos contactados em campo comprovando um sem-fim de histórias fiadas em lugares vastos ressignificadas pelos agentes. A história de Sinhozinho passa a ser possível por meio desses documentos reconstituindo o oculto, as tradições e reminiscências pelo som, imagens, vídeos etc., mesmo não recuperando as informações literalmente, o que requer outras técnicas que extrapolem esse âmbito das vozes.

A história sendo a ciência do homem no tempo, como já dizia Marc Bloch (2001), permite que o historiador exerça sua atividade sendo um farejador de pistas, como já se

assinalava Ginzburg (2006) e com o seu faro intuitivo, possibilita referentemente ao pesquisador que o mesmo possa reconstruir os fatos significando acontecimentos tanto do presente, quanto no passado pelas suas visões de mundo e abordagens seletivas. Elucidaremos o estado de investigação apresentado pelas ações passadas do mestre Sinhozinho como orientação reflexiva de estudo, partindo de um fenômeno religioso na cultura popular que surge no Estado Novo (1937-1945) quando historicamente, Mato Grosso passou a ser reorganizado com a criação de Ponta-Porã e Guaporé em 1943, atraindo migrantes de outros estados para a ocupação do Estado na política Vargasista.

Os problemas sanitários na década de 1940 no Mato Grosso, são alguns dos fatores históricos que afetaram a saúde dos habitantes do distrito. Estes são mais explicativos entre os depoentes relatando um surto súbito de doenças infecciosas como é o caso da febre amarela contaminando os residentes. Estruturalmente, haviam poucos hospitais especializados para atendimento das famílias fixadas nesses terrenos e por isso eram praticamente restritos. Ao partir de outros estados, municípios e fronteiras, os agrupamentos ao migrarem viveram sob calamidades.

Nesse contexto, Sinhozinho se confunde com lenda e realidade na representação cultural da história oral, mas por outro lado, é uma personalidade rara e descrita como mestre Sinhozinho, um benzedor ou curandeiro do povo que residiu em fazendas vizinhas realizando sessões de curas com água benzida, deixando cruces e curando as enfermidades dos agentes mais vulneráveis diante de um quadro da escassez dos recursos econômicos, propondo solucionar problemas físicos e espirituais dos grupos em estado de saúde mais agravados em condições desfavoráveis desprestigiando os mesmos.

### **Sinhozinho e sua representação cultural em Bonito-MS**

A história enquanto objeto de pesquisa, se insere entre vários métodos, fatos, fontes e análises historiográficas sobre a reconstrução de sentidos interpretativos nas narrativas e na cultura popular religiosa e esta se visibiliza na produção do homem ao agir na natureza. A representação cultural e a religiosidade popular explicam Sinhozinho como um curandeiro do povo que fez parte do cotidiano simbólico cultural do meio através dos mundos sociais, onde os atores se conectam à crença superior e esta, pressupõe a intercessão dos sujeitos à uma divindade e seus intercessores atuando entre votos das crenças locais.

O conceito de representação é sobreposto na linguagem social e cotidiana e pela concepção discursiva das representações, evidencia-se segundo Lynn Hunt (1992) a

presentificação de coisas ausentes nas quais se tornam sensíveis com a presença e por isso, a representação do ator na história, destaca as coisas invisíveis a serem representadas. As representações culturais dos elementos interpretativos se aplicam no representar do outro. Entendemos que as mesmas são reproduzidas nas representações verbais e visuais no deslocar das sensações, sentimentos e sensibilidades sentidas na forma que o sujeito se torna ambíguo nas relações pelas quais constroem os lugares da história que fabrica sentido.

O objeto de pesquisa Sinhozinho tem o seu protagonismo na representação cultural de um curandeiro do povo em Bonito. Nas entrevistas com os informantes da sua trajetória, observamos no ano de 2017, uma descrição quase poética da sua vida social onde os depoentes se recordavam na história, à respeito da sua simplicidade de um sujeito acolhedor que pouco comia e falava com diversos seres, relacionando em bandos, curando doentes, construindo capelas, rezando entre multidões, formando mutirões, andando entre matas, rios, cachoeiras e fazendas no Mato Grosso. Na narrativa de dona M. O. (2014), era sempre solícito e católico. A narradora é uma das testemunhas vivas ao conhecer o mestre Sinhozinho. Nesse caso, ainda guarda as roupas que pertenciam ao mesmo e relata ter conhecido os seus seguidores. Além disso, informou que Sinhozinho segurava um cajado e utilizava uma veste azul ao lado dos seus carneirinhos em volta. Interpretam como um mítico existencialmente interessante para os devotos e se revela parcialmente entre escritos locais e descrições narradas pelas testemunhas do presente-passado relatando suas experiências. Encontra partida, Corrêa (1980), analisa na historiografia mato-grossense a emergência de um tempo sem leis jurídicas, secundárias à lei do rústico e do mais forte ao serem sentenciadas pela determinação dos homens.

Os narradores memorizam histórias presenciadas, mas se sentem intimidados diante das perguntas do roteiro encaminhado, em revelar o que sabem e até mesmo falar sobre o fenômeno na integridade. Ao lidar com circunstâncias e questionar alguns dos entrevistados como o senhor O. P. (2017), o idoso que conheceu o mestre em 1940, testemunhou com uma certa ânsia em relatar os seus feitos e apresentou uma indignação pessoal por ter sido tão injustiçado pelos vendedores de remédios.

Também mencionou ter conhecido outras histórias referentes às inimizades de Sinhozinho, mas gestualizou cautela dizendo que não poderia se abrir. Factualmente e documentalmente, muitos fenômenos foram encobertos por explicações oficiais e isso dificultou uma definição mais clara sobre possíveis hipóteses que existem por traz da representação de Sinhozinho. Uma das razões em recorrer ao recurso da fala, uma vez que a mesma transforma palavras e histórias que o povo conta em documento é a sua utilidade

informativa e pública tornando estes escritos uma produção de materiais transcritos para além da crença subjetiva propriamente vivida e da sua vivência na religiosidade popular. Sendo assim, essas representações dos depoentes contemporâneos são narrativas das quais se criam entre expressões praticáveis, sentidas, expressas, manifestas e vividas no cotidiano de indivíduos comuns. Os testemunhos de Sinhozinho são tentativas de dar sentido ao ser histórico resignificado ao longo do tempo.

A entrevista utilizada é uma fonte audiovisual publicada na internet e retirada de um documentário público produzido a partir de um trabalho de conclusão do curso de jornalismo. No texto da mesma pesquisadora, notamos alguns registros veiculados nos meios de comunicação virtual. Ainda na narração do senhor O. P. (2017), Sinhozinho é um agente que benzia o fraco, aleijado, o oprimido, mas ao possibilitar a gratuidade desses remédios produzidos por ele mesmo, teria sido moralmente rechaçado em Bonito pelos vendedores de drogas medicinais, depois de ter sofrido inúmeras injustiças físicas, psicológicas e morais. Diante das causas, os informantes concordam que Sinhozinho desapareceu de modo repentino sem deixar vestígios no Mato Grosso. Em outros relatos do município de Bonito, a prisão desse mesmo sujeito é decorrente de uma “judiaria só”, além dos depoentes relatarem os constantes xingamentos verbais de naturezas diferenciadas no contexto da década de 1940 entre os grupos raivosos e contrariados com as suas ações popularizadas pela partilha e o bem como um todo, uma vez que se tratava de bandos andando com armas e destemidos naqueles tempos históricos.

Segundo a narrativa de E. V. (2017), um grupo composto de homens enviados por uma guarda, o levou para Ponta-Porã. Depois do ocorrido, contrariaram a vontade dos habitantes da cidade. A entrevistada que concedeu a entrevista na romaria celebrada em 2017, informou em uma das nossas conversas, ter vivenciado a história relatada e descreve que percebeu ter lhe visto aparentemente preso, notando estar amarrado e conseqüentemente impedido de continuar exercendo a sua função de curandeiro do povo.

Colocaram o ator sobre um animal e torturam, fazendo várias ameaças autoritárias para que o mesmo deixasse de ser representado como milagroso e benzedor naquele ambiente aterrorizado. Segundo entrevistados que fizeram parte da história relatada no documentário Senhorzinho (s/d), este, havia sido transferido para longe de sua estadia. Prepararam uma cela específica para mantê-lo isolado, afim de torturá-lo em vida, violentando seu corpo, fragmentando o mesmo em pedaços e induzindo a se manter quieto e afastado do distrito. Alegaram que o curandeiro do povo estava atrapalhando o ritmo de vida das pessoas trabalhadoras que deixavam suas obrigações e compromissos para ir até a sua capela rezar

novenas, se alimentar, vestir e obedecer o mestre Sinhozinho. Este praticava as curas entre doentes e uma das testemunhas oculares na cidade, traduz a sua experiência religiosa e histórica em relação ao personagem: “Ele não era uma pessoa, né. Ele era um santo. Eu lembro bem da feição dele. Não esqueço não, da feição, do jeito dele. Não esqueço não, da feição, do jeito dele, cabelo cacheado” (Entrevista publicada pelo youtube).

A entrevistada faz questão de se recordar daqueles tempos difíceis, mas reforça o que outros entrevistados já se expressam sobre a sua essência para os mesmos, demonstrando que via o mestre Sinhozinho com mais frequência. Informou em sua narrativa que na crença da religiosidade popular, costumava ter uma aparência santa para as pessoas, sempre com os seus cabelos cacheados e para F. R. (2013) “mestre divino e luz são a mesma coisa”. A guia turística é devota da sua imagem e com isso, conhece a história transmitida pelos seus familiares, além dos depoimentos prestados e o ato de se apegar a representação cultural de um santo protetor, indicando um homem de fisionomia descrita pelos cabelos longos, vestes cumpridas e a força religiosa de uma divindade. Sua personalidade confundia todos os segmentos e apesar de ser narrada entre as vozes dos seus fiéis, ainda é bastante restrita no imaginário cultural, mesmo que a sua maior representação em termos metodológicos seja por meio das interpretações de algumas entrevistas orais com explicações não tão fundamentadas sobre a sua jornada. Os relatos orais são insuficientes, mas determinantes em uma pesquisa na qual carece de procedimentos mais sistemáticos.

Em uma das fotografias capturadas do campo de pesquisa, observamos a santidade desse sujeito histórico segundo relatos presente na sua capela, em específico na romaria de Sinhozinho do ano de 2017. Os narradores descrevem que o mesmo ator religioso se vestia como Jesus Cristo reproduzindo os mesmos gestos e ensinamentos. Notamos o santo imaginado no sertão mato-grossense como uma figura bíblica de poucos pertences, peregrinando em todas as casas e lugares menos privilegiados como um missionário da palavra ou salvador dos descompensados ou o próprio curador de almas. Na foto registrada, a materialidade de um artesão com sua arte popular criou mais uma representação na cultura local usando as narrativas de um senhor com cabelos loiros e olhos azuis no objeto da escultura criada com essas características do banner e do objeto que se encontra na capelinha:





**Figura 1:** Sinhozinho de Bonito. **Fonte:** CARMO, L. S. F. do. /2017.

A fotografia é um registro pessoal do mês de outubro no ano de 2017 e como se vê, os seus fiéis possuem o costume de enfeitar a imagem do santo com fitas entre as festas religiosas durante a celebração da romaria, na data oficial celebrando Nossa Senhora Aparecida em 12 de outubro. A sua figura é coberta de outros adereços e a sua representação cultural e religiosa se faz evidente pelas palavras dos seguidores. Transformam o sujeito no indivíduo lúdico e imortalizado pelo seu marco que ultrapassa a visão de uma história comum e essa mesma narrativa poeticamente retratada pelo santo em narrações orais é transferida para a representação de uma figura reveladora por traz do mito na comunidade bonitense.

O agente é imortalizado pela essência religiosa de um vivente sem nome oficial, endereço, família, mas sendo contanto, um rezador milagroso e o curandeiro que poderia ter muitas faces, mesmo não descobertas. Antes de tudo, curou pessoas, rezou para os santos, peregrinou, orientou o seu povo, gesticulou e alterou as formas de convivência dos seus fiéis com a sua força religiosa.

Para a sociedade passada, Sinhozinho trouxe luz, paz e serenidade. Se mantinha com os seus acompanhantes religiosos conectados as orações entregues aos santos na sua capelinha e aos ensinamentos de Jesus Cristo, além de se portar como o mesmo para os devotos nas entrevistas. Todos queriam entender mais sobre o mestre chamado de curandeiro do povo, ser

como ele e segui-lo, mesmo confusos com a sua presença não compreendida, faziam orações, entravam nos oratórios e amansava o povo rebelde segundo relatos da D. A. (2017) os tornando humildes e religiosos como explicou em seu relato.

Os moradores o interpretam como doutor ou curador. Em outra imagem coletada no primeiro campo da pesquisa realizado em 2017, a citação informa que se tratava de “um homem santo que aqui em Bonito chegou. Homem de oração, peregrinação e comunicação direta com o Divino Pai Mestre na obediência sempre calado. Sábio, mudo, mas passava o seu recado. Intercessor direto do Mestre Jesus, com conhecimento natural e fé inabalável. Encontramos outras considerações afirmativas do seu papel como curador, doutor e arrebanhando filhos para o bom pastor”. O trecho foi retirado de alguns relatos explicativos do banner, logo mais do lado externo da sua capela. Segundo seu O. P. (2017) curou gente cega, de muleta, e foi além da própria medicina. O curandeirismo é umas das representações inseridas em suas ações, pois haviam poucos médicos e um alto fluxo de estrangeiros que migraram para o ambiente de fronteira e suas várias conturbações sociais e políticas.

A região do Mato Grosso nas narrativas históricas são debates historiográficos que vão desde uma historiografia tradicional, até aos fatores narrativos quanto a expansão das terras disputadas e conquistadas entre a coroa portuguesa e espanhola, até a concentração de poder e o uso da mão de obra indígena nas atividades mineradoras do processo de colonização entre os séculos XVII e XVIII segundo Corrêa (2009). Durante o final do século XIX, e início do século XX, Corrêa (2009) ressalta as formas de violência nos processos de ocupação do Estado, onde a sociedade é reflexo de antagonismos e construída pelas lutas dos povos armados sobre um Estado fragilizado na alternância para a República velha, quando os coronéis e bandidos predominaram as situações de impunidades, para além da escravidão de índios, negros e brancos sofrendo as repressões diversas.

A transgressão das leis e os eventuais crimes encobertos pela imprensa na década de 1940 cometidos por bandoleiros chefiados desde a década de 1920 no que Corrêa (1999) e Corrêa (1980) chamam de “bandidos e criminosos” em um evento sombrio do qual os donos dessas terras se viam como os autênticos “senhores proprietários de todos os meios”, explica que esses terrenos foram disputados entre as defesas de seus locais sobre um estado infligido por ameaças internas e externas neutralizadas pela ação dos coronéis, dos poderosos e da Igreja, bem como o uso da força. Sinhozinho apareceu por volta de 1940 vivenciando uma intranquilidade entre as lutas armadas contra os seus inimigos políticos de uma passagem luso-portuguesa e colonial em que as dificuldades do ambiente não foram empecilhos quanto as práticas de dominação.



Por tudo isso, as narrativas de Sinhozinho tem um sentido real para os depoentes e assim o referente que recebe as mensagens na representação cultural é o mesmo ao produzir ideias representando o protagonista por meio de palavras, sensações, escritos e fatos nem sempre enfatizados pela história local. Uma questão norteadora: o que está sendo representado e o que os outros querem representar através de uma narrativa oral ou objeto material?

O fenômeno é apenas o indício de um acontecimento não plenamente esclarecedor, principalmente porque a pesquisa não depende de fontes jornalísticas ou cartoriais, além de outros documentos que possam comprovar a sua veracidade. A sua história continua sendo objeto de relatos orais e a sua representação do ausente é revivida pelas adaptações nas quais Sinhozinho é preservado pelos saberes, além daqueles que escreveram, escutaram, gravaram suas memórias e estas atualmente são atualizadas como forma de registro do lugar histórico pela formação imaginária das mentalidades religiosas resignificando Sinhozinho como mestre e curandeiro do povo. Em uma nova imagem, é representado por uma escultura revelando a face cultural e religiosa da sua aparência simbólica na região:



**Figura 2:** Escultura do Sinhozinho no altar de Nossa Senhora Aparecida. **Fonte:** CARMO, L. S. F., do. /2017.

A figura está registrando a imagem do santo em uma de suas capelas e o que existe de diferente na ilustração do campo são as suas vestes pretas, os cabelos loiros e estar coberto com um rosário e sua bolsinha de couro. Em sua volta, vemos imagens de santos oficiais deixados na sua capela decoradas ou não. Conforme narram os moradores, o imaginário local informa as narrativas de se encontrar acompanhado de carneirinhos e uma cruz em volta de seu pescoço com algumas flores mais ao lado.

A devoção através dos objetos que aparecem nas imagens é uma prática dos romeiros chegando até a sua capela. Os indivíduos que prestam seus cultos e homenagens para as suas divindades são grupos bastante religiosos e costumam deixar nomes, objetos pessoais e rosários ao lado ou mais perto de Sinhozinho, tanto este, quanto Nossa Senhora Aparecida são cultuados pelo seu povo com a mesma intensidade. A manifestação dessa crença católica é herdada entre vários sujeitos e suas bagagens históricas reservando a sua representação singular e plural ao transcendente, pois acreditam nos seus poderes sobrenaturais. Sinhozinho possui a capacidade de se revelar discursivamente entre diversas explicações da imaginação social fluida e que não se delimitam a uma única realidade, isso pressupõe que as compreensões da sua existência não estão esgotadas, ou seja, vai além de um santo esculpido por materiais simbólicos ou o apontamento de “mestre e curandeiro povo”, mas acima disso, um sujeito que merece ser pesquisado de maneira mais profunda com todas as suas peculiaridades nas representações.

A seguinte citação é uma indicação de um site virtual, caracterizando Sinhozinho do modo como se mostra a imagem anterior na qual está sendo explicitada, em apontamentos de um mestre peregrinando por caminhos pouco conhecidos no Mato Grosso e levando consigo o seu terço, sendo descrito com um rosário no pescoço, cabelos, olhos claros e um dos braços escondidos:

A história do Sinhozinho aconteceu por volta de 1944. Ele era um homem simples, que tinha cabelos e olhos claros e estava sempre com um terço no pescoço. Vestia um manto sob o qual seu braço esquerdo permanecia sempre escondido. Ele ficou conhecido porque fazia curas nas fazendas por onde passava. Sua vida era um mistério. Ele se alimentava de peixe, que ele mesmo pescava; mandioca e mel, que carregava na sua cintura dentro de um pote, para molhar seus lábios constantemente. Sua mais famosa lenda é a da imensa serpente que vive no subsolo da cidade, e que um dia sairá e acabará com tudo, caso as pessoas não cuidem bem da natureza. Sinhozinho curava os enfermos utilizando ervas medicinais, um copo com cinza e água benzida. Ele pedia para que as pessoas rezassem. Após esse ritual as pessoas eram curadas. E todo esse processo era feito por gestos que fazia para o alto. Sinhozinho não falava, e se comunicava apenas com sinais. Mesmo assim, ele ganhou o respeito dos nativos, que o chamavam de “mestre” (Portal: Cidade News, 2013).

A citação se trata de uma das suas representações culturais explicitando os cuidados nos quais a população apresenta não só com a sua espiritualidade, mas também quanto a preservação do meio ambiente. Conforme relata-se no município, com os depoentes do DVD Senhorzinho (s/d), uma serpente poderia destruir o distrito, mas felizmente na narrativa, o desastre teria sido impedido por Sinhozinho alertando que os bonitenses cuidassem da natureza e fossem mais tolerantes e cautelosos. Notamos como os entrevistados receberam a mensagem divina do mestre Sinhozinho entrando em cena frente aos feitos ambientais nocivos e arriscados a enfrentarem um desastre natural mais sério com medidas prejudiciais ao descumprir as leis divinas. Sinhozinho representa diferentes forças, seja sagrada, humana, da natureza, da ira divina etc. Todas se associam as explicações que a sociedade mato-grossense expressa e para Pesavento (1995) a representação se insere nas coisas ditas, pensadas e necessárias quanto as sensibilidades que se fazem reconhecer nas representações de algo que está ausente:

Ação humana de re-apresentar o mundo – pela linguagem e pela forma, e também pela encenação do gesto ou pelo som -, a representação dá a ver e remete a uma ausência. É, em síntese, “estar no lugar de”. Com isto, a representação é um conceito que se caracteriza pela sua ambiguidade, de ser e não ser a coisa representada, compondo um enigma ou desafio que encontrou sua correta tradução imagética na blague pictórica do surrealista René Magritte, como suas telas “Isto não é um cachimbo”, ou “Isto não é uma maçã” (PESAVENTO, 1995, p.05).

Consideramos que a ausência de Sinhozinho é um refúgio espiritual para os devotos praticantes da religiosidade popular. Trata-se de senhores católicos e sujeitos experientes que buscam construir as suas representações de modo mais flexível e encontram uma referência de apoio nas lembranças do personagem através da linguagem, das significações e das suas histórias de vida inéditas e partilhadas com o mesmo. As narrações existentes surgem pelo que se faz presente, um exemplo disso são as palavras escritas e deixadas pelos que já faleceram, mas chegaram a conhecer o mestre no passado e por outro lado, os seus familiares se encarregaram de repassar as histórias gravadas pelos registros orais. As experiências dos seus segmentos são emitidas por diversos meios, entre eles, ideias e essas formam pensamentos imagéticos experimentados, gerando conteúdos com o contato dos diferentes sujeitos que significam as suas linguagens.

Na imagem registrada na capela, Sinhozinho permanece entre outros protetores que são deixados, como é o caso do altar de Nossa Senhora Aparecida e se encontra entre a devoção do povo, sendo uma das imagens que divide espaço na romaria que acontece no dia 12 de outubro:





**Figura 3:** Escultura do Sinhozinho no altar de Nossa Senhora Aparecia. **Fonte:** CARMO, L.S.F., do /2017.

Na foto, é visto uma quantidade expressiva de flores decorando as imagens, o que reforça a religiosidade popular manifesta entre os devotos sertanejos no Mato Grosso do Sul. Sinhozinho é um santo do povo presente não só materialmente através do objeto, mas demonstra a força cristã de um senhor cuidadoso e de coração generoso que rezava e intercedia. Continua firme no imaginário e na representação da santidade, em vista de outras divindades sagradas que competem com a mesma importância. Entre as principais referências orais, também viveu sem provas suficientes sobre um terreno violento e propício a impunidades sobreposto ao armamento e o banditismo levando inúmeros atores a caírem na condição do anonimato. A sua experiência é o exemplo mais enfatizado na história retratando uma situação impune na qual diversos paraguaios se refugiavam na fronteira do Paraguai e isso dificultou as formas de controle e legalidade na década de 1940, além da fragilização das instituições diante do poder local. Sinhozinho sofreu as consequências, mas mesmo sendo silenciado, os seus seguidores o absolveu do esquecimento e por isso é representado imagetivamente.

Os sujeitos que vão até as imagens e ornamentam, mas o povo por si só não distingue a oficialidade ao comparar Sinhozinho com outras imagens pelo resgate do que teria sido a sua representação para um determinado público. A sua permanência entre os outros ícones, realça a ideia de que não há distinções entre o popular e o oficial. Pesavento (2006), diz:

Mas, ao mesmo tempo, as sensibilidades correspondem também às manifestações do pensamento ou do espírito, pela qual aquela relação originária é organizada, interpretada e traduzida em termos mais estáveis e contínuos. Esta seria a faceta mediante a qual as sensações transformam-se em sentimentos, afetos, estados da alma. Ou, em outras palavras, esse seria o momento da percepção, quando os dados da impressão sensorial seriam ordenados e postos em relação com outras experiências e lembranças do “arquivo de memória” que cada um traz consigo. Assim, cultura e representações, tal como a sensibilidade, não podem estar distantes do conceito de memória. Do mesmo modo como a história é a narrativa que presentifica uma ausência no tempo, a memória também recupera, pela evocação, imagens do vivido. É a propriedade evocativa da memória que permite a recriação mental de um objeto, pessoa ou acontecimento ausente. E, neste ponto, é preciso considerar que todos nós temos um museu imaginário de imagens, transmissoras de uma herança do passado, veiculadas pela memória individual, forjada de acordo com a memória social [...] (PESAVENTO, 2006, p.51).

A representação histórica e social de um povo na história cultural dos homens temporalmente é algo que apresenta a pluralidade e a cultura das coisas materiais e não materiais, além das relações que são transcritas e externalizadas pelos sentimentos. As referências construídas se afirmam na produção da existência humana e surgem necessidades distintas que devem ser relacionais ao estabelecer laços, emoções e vivências que nos definem como seres individuais com códigos, comportamentos para se sentir parte de uma história, e com isso, estabelecer relações conjuntas pelos costumes de diferentes culturas.

Para Chartier (1990) a história cultural é o campo no qual o pesquisador constrói os fatos e a realidade social que parte dos interesses de um grupo ao darem sentido as representações, conforme a seleção de perspectivas nas representações e valores de um grupo. Nesse caminho, Chartier (1990) argumenta ainda o conceito de representação sendo uma referência no campo das realidades e suas lutas de representações quanto ao agente social no meio. Pode se manifestar entre os sujeitos, no tempo, ou excluir aquilo que não deve ser dito e portanto, selecionado como um instrumento capaz de substituir algo que não seja visível.

O fato histórico do qual retoma o passado em que Sinhozinho é reconstruído no presente, se trata de uma história construída das representações. Nelas, contém registros daqueles que experimentam sentimentos contactados nos livros de memórias. É representado como mestre na história popular do pantanal, sendo o agente que levou alegria, emocionou pessoas e essas relatam que fatos vividos pelos símbolos, a religião e a cultura.

## **Sinhozinho: um mestre curandeiro na religiosidade popular local**

Mestre divino é uma linguagem verbal e visual utilizada no documentário produzido pela jornalista Kemilla Pellin (2013) ao narrar relatos da vida de Sinhozinho, “homem fiel ao seu povo com dons, divindades, bondade, detalhes despercebidos e perseguido pelas oposições sociais e políticas de um cenário marginal entre os que controlavam a lei, os homens e as formas de produção local”.

Entre os relatos obtidos de 2017 à 2018, Sinhozinho passa a ser o mestre curandeiro do povo por traz da narrativa de uma fatalidade ao ganhar omissão oficial. Por não conter uma documentação comprovando a sua visibilidade, ficou latente no imaginário do distrito pela representação de uma tragédia. Todas essas justificativas da história são inconclusas, mas explicam o assassinato do protagonista em 1944. O mesmo passou a ser explicitado por várias agressões segundo informantes. O caso não foi noticiado pela imprensa, fotografado e nem informado por passagem policial. A narrativa perdurou em algumas décadas no imaginário originando o enredo iniciado no povoado de Miranda. Desmembrado este em 1948, após a emancipação do município de Bonito, a sua inserção em Mato Grosso, tem possibilitado novas fontes registrando narrativas inéditas da sua passagem.

Buscamos através da concepção de Chartier (1990), pensar sobre Sinhozinho em termos históricos sobre o campo das representações tanto coletivas, quanto individuais para os grupos ao legitimarem algo com caráter verdadeiro para si e portanto para outros. As construções orais e representativas dos agentes culturais e produtores de cultura circulando no mundo como forma de saber, são visões populares e essas passam a ser diferenciadas pelas realidades sociais no tempo e no espaço e se tornam inteligíveis. Decifradas com sentidos variados em suas construções e determinadas nos lugares compreendidos entre os indivíduos que fazem parte dessas relações criadas. O modo de agir do outro está para além dos silêncios. No artigo: *Cultura e Representações de Sandra Jatahy Pesavento* (2006) há a seguinte citação sobre a representação o conceito:

E, nesse processo de investimento no mundo, de contato do homem com a realidade, um outro conceito impõe-se, em termos culturais, e se situa no próprio âmago da construção social das representações: o das sensibilidades. Capturar as razões e os sentimentos que qualificam a realidade, que expressam os sentidos que os homens, em cada momento da História, foram capazes de dar a si próprios e ao mundo, constituiria o crême de la crême da História, a meta buscada por cada pesquisador! Funcionaria como o reduto mais íntimo da enargheia, esta impressão de vida ou força vital deixada pelos homens no mundo (PESAVENTO, 2006, p.06).



Os atores e os seus enredos na sociedade cultural são grupos atuantes que internalizaram momentos que foram marcados pela capacidade do contato com outras realidades do ser humano ao se relacionar com os seres sociais experimentando saberes e suas tramas pessoais no que a autora considera como a “força do pensamento” tangíveis e recuperadas na capacidade criadora dos homens, seus vínculos e valores. Para Pesavento (2006), a interpretação cultural analisa os sujeitos, seus costumes e estes podem variar de uma temporalidade e lugares, se unindo e representando a cultura interna nas operações cognitivas e inteligíveis com a experiência vivida. Na entrevista apresentada, a narradora descreve Sinhozinho e seus milagres de curas para os grupos seguidores o procuravam com o objetivo de receber a graça:

Eu tenho um irmão que saiu um caroço assim no pescoço dele, né. Aquilo era duro igual uma pedra e foi pois remédio e tudo. Mas aí, para isso, ele ainda morava lá na campina sagrada, né. Aí, um dia falaram para a mamãe: Porque vocês não vão lá levarem ele para o senhorzinho, né. E eles foram, a cavalo. Ele só fez um pasto assim de sabão com cera e pois ali, naquilo, e desapareceu. Mandou que fizessem mais, né, e daí desapareceu (Entrevista publicada em 2013 pelo youtube).

A fé que os devotos sentem no curandeirismo popular de Sinhozinho tem sido uma crença arraigada no sertão mato-grossense. Ao fabricar os medicamentos com ervas naturais utilizadas para os doentes segundo a história dos entrevistados, esses remédios curavam quebrante, mal olhado, coisa ruim e doenças infecciosas do corpo entre os agentes desenganados pela medicina tradicional. Ser santo é uma das faces mais populares do Sinhozinho, depois de enfrentar o descaso e a resistência dos farmacêuticos quanto ao fornecimento de remédios feitos à base de água, folhas e orações agindo sobre os aflitos e desconsolados em um terreno de adversidades e impunidades dos atos criminosos na história do Mato Grosso, pois segundo Corrêa (1999), “a necessidade de controle dessa terra de ninguém, evidentemente, atenuou-se no período Republicano, suscitando nos governos estadual e federal, em vários momentos, a preocupação da institucionalização da presença governamental na fronteira”, (CORRÊA, 1999, p. 197).

A relação do catolicismo popular entre o curandeirismo praticado por um anônimo entre confrontos, disputas pela terra, armamentos e execuções humanas permitiu que homens e mulheres devotos se apegassem as profecias do mestre no meio do nada pelo confronto das elites, entre orações católicas, nas práticas sociais e na espera por milagres e graças alcançadas pelos santos cultuados. Para Da Matta (2001), o catolicismo popular constrói uma liberdade de culto ao homem camponês católico desenvolvendo os seus gestos religiosos. Já

para Brandão (2004), o catolicismo popular é subjetivo e praticado nas festas religiosas entre os grupos e suas representações. Os participantes formam os seus códigos e se posicionam na troca de mensagens e crenças.

A religiosidade popular possui uma perspectiva mais ampla das disputas políticas, sociais e históricas nos espaços. Se relacionar com o santo no cerrado traz o ato de festejar, crer e ritualizar formalmente e informalmente encontros religiosos. Hierarquiza-se as posições no campo religioso e para Brandão (2004), o catolicismo é marcado pelos cortejos, homenagens e a celebração da crença. As práticas religiosas se articulam entre os sujeitos sociais e culturais que se afirmam na localidade. Ao utilizar uma nova entrevista, outras representações narrativas da história oral aparecem pela ação da reza e se destaca não só na religião, mas no reconhecimento do povo em uma busca participativa e produtora de mensagem:

Disse que quando vinha assim, que vinha uma pessoa de certo que tinha pecado, sei lá, disse que ele ficava lá longe, e o povo ia de joelho para a capelinha. Tinha uma cruz grande assim, disse que tinha que ir de joelho lá também pra tomar benção dele, quando assim, ele estava lá bravo. Ele mostrava, ia chegar um e ele ia lá longe e de joelho, todo mundo caminhava de joelho para tomar benção dele [...] (Entrevista publicada pelo youtube em 2013).

Sinhozinho tem um lado mais exigente, solicitando que as pessoas respeitem a sua obra, pratiquem gestos como forma de respeito e segundo devotos, algumas vezes, ficava embravecido com os pecadores e tinha atitudes mais severas para receber sua benção. Andava com um braço, falava em mímicas com os animais, religiosos e não religiosos. Pede que os moradores sejam temerosos a escritura sagrada e sigam as prescrições. Em obediência, os sertanejos se curvam aos sinais celestes e recorrem ao mesmo, acreditando na sua superioridade sobre os demais e respeitando a sua ação, conforme acreditam que vão receber recompensas do alto e serem agraciados caso mantenham a sua disposição de seguidores do seu instrutor:



**Figura 4:** Mestre Sinhozinho do povo.

Na figura ilustrada, o povo do sertão no Mato Grosso se rende as suas justificativas celestes e Sinhozinho não só conversa com as entidades espirituais, mas segue, sendo representado pelas mídias sociais. Homem de ordens e virtuoso, pois segundo os narradores, aqueles que estavam errados deveriam se ajoelhar e cumprir as suas determinações para tomar à benção. No desenho, é apresentado com cabelo mais curto, cavanhaque e vestes semelhante a um franciscano. Abaixo do mesmo, homens e mulheres ajoelhados e obedientes. Mescla-se de representações que podem se distanciar ou mesmo se aproximar daquilo que a internet diz e constrói e nesse caso, é preciso reconhecer a participação de atores sociais com suas bagagens que já experimentam vivências não publicizadas, enquanto outras são pensadas, dadas a ler, reflexivas e internalizadas pelos grupos diante da realidade e do entrecruzamento entre passado, presente e futuro nas narrativas que são operacionalizadas na vida comum. A próxima figura demonstra a representação de Sinhozinho e outros grupos se curvando aos seus pés com um cajado:



Figura 5: Desenho do Sinhozinho.

A referência é de um agente sério, mas reafirmado pelo sentido de um mestre e têm a aparência de um frei com suas roupas um pouco abaixo do joelho, sandálias e um cajado. O camponês está ajoelhado e transmite fidelidade confirmando honras a sua autoridade e segundo narradores como D. D. (2017), atraia os trabalhadores da localidade que iam a sua capela de cavalo, a pé, em grupo e conta em detalhes que muitos desses se transformavam em vagabundos sem rumo e isso teria sido na sua visão, o estopim para a sua expulsão de Bonito. A imagem é o retrato de uma arte visual atual da internet realizada pelas descrições dos narradores residentes das áreas de fazendas mais afastadas da cidade e esses retomam suas experiências com o cultivo agrícola, a insegurança do clima e de outros locais narrando suas colheitas, aventuras e conquistas. Relatam terem convivido com o mesmo e estes auxiliam na duração da arte visual e outras configurações da sua história, uma delas, ser chamado de profeta de Bonito e suas previsões, instruções e feitos e minimizando os conflitos malignos. A cultura simbólica aperfeiçoa sua mística e os seus efeitos na produção dos contrastes de uma estética da cultura digital.

A representação cultural do Sinhozinho é criada por notáveis grupos religiosos e camponeses sem bens ao simularem um caminho de torturas, desavenças e mal entendidos com os detentores de poder e mandos acionando sua prisão por estar influenciando o local com as suas pregações entre as capelas erguidas, fortalecendo os sentimentos do povo indefeso e desprovido de recursos, mas trazendo respeito, gratidão, à verdade e a instrução das suas profecias nas causas terrenas. Os relatos do povo são narrativas de uma história modo escatológica e transmitem a fraternidade de um povoado alegre, apegados a comunicação entre a terra e o céu com a sua presença de suprir suas necessidades, agraciados pelo carisma,

milagres, anunciações e conselhos para o seu rebanho. Os redimidos andavam de joelhos, participavam de terços, acreditavam no além, e percebiam as enunciações do mestre aliadas aos cuidados com a saúde, o espírito e o ambiente ao redor.

O reconhecimento do fenômeno Sinhozinho para os que mantêm a fé na cura de um senhor solitário na religiosidade popular é uma crença que nunca morreu na fala e nos materiais que restam. A sua existência construiu relações sociais levando encantamentos aos grupos por meio das solidariedades, curas e manifestações de um sujeito autêntico. Pode-se dizer que a sua presença se transformou em um produto religioso, artístico e cultural formado pelo extraordinário que com maestria de um curandeiro do povo, afasta as forças malignas, renova as esperanças, sentidos e constrói novas alternativas mantendo-se registrado na história da população. As devoções são repetidas nas lembranças, no presente e nas expectativas futuras que vão sendo renovadas com a fé daqueles que não só acreditam, mas enxergam um indivíduo inexplicável e imaginável.

### **Considerações finais**

Consideramos que Sinhozinho é uma representação fluente e cada vez mais criativa e lúcida na memória e no imaginário da cultura do município, na qual cativa o povo a vivenciar a religiosidade popular e esta resultou na celebração cultural da romaria destinada ao seu culto e ao de Nossa Senhora Aparecida na sua capela. O sertão mato-grossense venera a imagem do santo e mestre curandeiro do povo que vai sendo construída pouco a pouco pelo culto dos devotos e os saberes da sua existência. A experiência comunitária da sua projeção de frei e a maestria do “mestre religioso” projeta tempos que se entrelaçam nas representações da religiosidade popular ao unir culturas e por outro lado, se diferenciam entre as fontes sobre o assunto merecendo um tratamento adequado à longo prazo.

Não há escritos e nem documentos sobre a sua morte. A história oral se encarrega de armazenar informações que em alguns momentos são tabus, mas em outros caminham para um esforço dos entrevistados do campo de pesquisa realizado desde 2017 em falar sobre a narrativa e contribuir consideravelmente para que novas pesquisas possam abordar esse problema. Com os resultados da dissertação do mestrado, entende-se que essas histórias são insuficientes para um tema tão complexo, mas enfaticamente importante de ser debatido. Interpreta-se que Sinhozinho foi apagado da história por uma elite que não poupou maneiras de silenciamentos do fato. Não sabemos nada sobre a sua origem, não há confirmações, nem

notícias do seu paradeiro, entretanto, a sua experiência mítica continua real e verdadeira para os depoentes.

Consideramos que os moradores da cidade já possuem uma idade mais avançada entre aqueles que já faleceram e outros ainda vivem distantes da área camponesa. Estes são senhores que permaneceram mais próximos do mestre no povoado ainda em desenvolvimento no governo de Getúlio Vargas (1937-1945). Quanto aqueles que conheciam os milagres do curandeiro do povo famoso, aponta-se que entre as suas jornadas e peregrinações rotineiras no Mato Grosso, era algo cada vez mais comum perceber a sua ação como mestre e curandeiro nas suas vestimentas, como é o caso da expressão de F. R. (2014) indicando um manto sobre o seu corpo atravessado por um rosário e costumava prestar caridades aos grupos em situações de risco e pobreza.

Devido ao fluxo de migrantes e emigrantes na área fronteira com o Paraguai, devotos e fazendeiros recorriam ao mestre Sinhozinho, um curador experiente e curandeiro do povo acostumado a fazer o bem diante de todas as intranquilidades causadas pelas armas e violências. Seu ofício tornava-se uma atividade informalizada e mal vista pelas elites na década de 1940. Assim, a sua imagem milagreira de “defensor dos indefesos” vem sendo reinterpretada no presente como um marco reflexivo. A representação cultural de Sinhozinho é um dos caminhos utilizados nos variados meios expressivos da sua história no local.

A sua criação no imaginário com o passar dos anos é sensível na imaginação descrita como misteriosa para os moradores, seja com as homenagens prestadas a Sinhozinho ou mesmo na reflexão de que a sua ausência como uma presença na religiosidade está ativa na representação dos entrevistados, na escrita da história local, nos segredos, na espiritualidade e nas expectativas de dias melhores eternizados nas suas missões entre os povos mais humildes que se impactaram com as realizações de um homem curandeiro e intrigante, ultrapassando todas as fronteiras comuns.

O mestre de uma comunidade sertaneja é descrito pelo homem de profecias e sinais de que a sua experiência iria marcar um território influenciado todos os lugares, obtendo um passado negro e tenebroso por um período de mortes e valentes que se vingariam da sua astúcia de desafiar os farmacêuticos como um curandeiro de fama. Nada mais realizável do que uma intimação para fora do distrito, mas mesmo assim, os efeitos foram inversos e sua história é propagada como o mestre, curandeiro e santo de engajamento religioso e missionário para os sertanejos. As suas pregações e consolos naquele período, atualmente são lembradas em rezas, cantos e celebrações de algumas demonstrações simbólicas sobre uma



religiosidade fervorosa. Para os narradores, mesmo sendo torturado, esse agente reaparecia e apesar de morto, é um destaque no mito e na vivência do catolicismo popular.

### Fontes

Cidade News. A lenda do Senhorzinho de Bonito (MS). Disponível em: <http://newscidade.blogspot.com/2013/07/a-lenda-do-senhorzinho-de-bonito-ms.html>. Acesso em: 13 jan. 2019.

Documentário Senhorzinho. (s/d).

PRADO, Osterno. Depoimento (Outubro / 2017). Entrevistadora: Layanna Sthefanny Freitas do Carmo.

MESTRE Divino. As Histórias que envolvem Sinhozinho. 2014. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TiBZDAZn9h4>. Acesso em: 23 jun. 2019.

VARGAS, Everdir. Depoimento (Outubro / 2017). Entrevistadora: Layanna Sthefanny Freitas do Carmo.

### Referências bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *De Tão Longe eu Venho Vindo*. Símbolos, gestos e rituais do catolicismo popular em Goiás. Goiânia: Editora UFG, 2004.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Tradução André Teles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

CORRÊA, Valmir Batista. *Fronteira Oeste*. Campo Grande: Editora UFMS, 1999.

CORRÊA, Lúcia Salsa. *Corumbá: um núcleo comercial na fronteira de Mato Grosso (1870-1920)*. 1980. Dissertação (Mestrado em História Social), Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1980.

\_\_\_\_\_. História e Violência Cotidiana de um “povo armado”. *Projeto História*, São Paulo, n.39, pp. 57-73, jul/dez. 2009.

DAMATTA, R. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*. São Paulo. Editora: Companhia das Letras, 2006.

HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1992.

PESAVENTO, Sandra Jatamy. Cultura e Representações, uma Trajetória. *Anos 90*, v.13, n.23/24, p.45-58, jan./dez.2006. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/anos90/article/view/6395>. Acesso em: 17. Maio. 2019.

\_\_\_\_\_. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. *Revista Brasileira de História*, n. 29, 1995. Disponível em: [https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID\\_REVISTA\\_BRASILEIRA=14](https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=14). Acesso em: 10. Abr. 2019.

PELLIN, Kemila dos Santos. *Mestre divino – As histórias que envolvem Senhorzinho*. 2013. Monografia (Graduação em jornalismo) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Campo Grande, 2013.